

Convulsão Silenciosa de Pensamento

Juscelino Mendes

p/ [J.J. Calmon de Passos](#)

"Poene acta est vitae fabula longa meae."

Das lições de Croce,
Cattaneo, Kelsen,
Pareto, Weber
certamente bebeste, mestre!
Encanto faiscante,
em plena convulsão silenciosa de pensamento
Nobre
És mentalmente invisível,
sombra de um sorriso
que fotografa tua própria alma.
E a fotografia dura mais que nós.
Sempre a fotografia:
eterniza que o passado foi hoje;
que agora será amanhã,
como agora também é ontem,
em perfeita consonância joyceana,
tendo já aqueles bebido de Hobbes,
Locke, Rousseau, Kant, Hegel,
que ajudaram a lavrar caminhos no mundo.

És tu madeira de lei, mestre,
formada de há muito,
amadurecida na estufa da solidão
de nossa raça,
que traça caminhos novos
em floresta densa de lendas primevas
a formar novas árvores de estirpe semelhante.
Até que chegue a noite, mestre
para um dormir em paz
na certeza de que ainda viverás,
no dia-a-dia,
em nós, arbustos,
para sempre.

Compus este poema em agosto de 1997 e o enviei ao homenageado [J. J. Calmon de Passos](#), jurista baiano de estirpe nobre no conhecimento e na ética. Calmon, ao receber o poema, respondeu-me, o seguinte:

"Recebi seu cartão, acompanhado do poema que me dedicou. O grande mérito do artista é 'extrair' beleza do que aos olhos mortais é pura insignificância. Nunca me esqueci de uma experiência de minha juventude. Morava num bairro pobre e vi certo dia um homem, que munido de pincéis e tintas, postado diante de um monte de lixo, parecia tentar reproduzir na tela a insignificância do que eu via. Curioso, aproximei-me. O que estava na tela não era o que eu percebera a nível de 'realidade'. O artista captara algo que me passara despercebido. Bem no meio de todos os detritos e imundícies, um caco azulado do que certamente poderia ter sido uma garrafa de vinho, recebia um raio de sol que ele multiplicava, num caprichoso bailado de luz sobre os desvaliosos 'restos' do que sobrara de quem dispõe de muito pouco. Esse maravilhoso dom com que a natureza privilegia alguns consegue o milagre de fazer do lixo o espetáculo de um momento de beleza. Mas é um 'instante' apenas esse milagre e só existe pelo talento do artista que o revelou. Depois

desse 'instante', tudo será como antes, porque será como sempre foi. O que eu sou realmente e sempre fui, antes e depois de seu poema, traduz-se nestas palavras: ___ um amontoado de coisas descartadas, porque já sem utilidade, que lhe agradece sensibilizado você ter podido criar, utilizando-o, um momento de beleza, mas que em verdade é apenas lixo a espera de quem o recolha.

Afetuosamente,

[J.J. Calmon de Passos](#),

Salvador 12 de novembro de 1997".

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/convulsao-silenciosa-de-pensamento>